

## VERBOS DE PERCEPÇÃO EM CONSTRUÇÕES EVIDENCIAIS DE ACORDO COM O MODELO DA GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL

Valéria Vendrame-Ferrari (UFSCAR)<sup>1</sup>

### RESUMO

O objetivo deste trabalho é descrever a evidencialidade expressa por meio de verbos de percepção em língua portuguesa. Mais especificamente, busca-se investigar, dentro do paradigma teórico da Gramática Discursivo-Funcional, os tipos de contextos semânticos em que os verbos de percepção *ver*, *ouvir* e *sentir* têm valor evidencial e quais sentidos evidenciais estão relacionados com cada contexto. O material de análise desta pesquisa é composto por amostras de língua real, falada e escrita. A partir da compreensão dos aspectos semânticos envolvidos nas ocorrências analisadas, conclui-se que os três verbos são formas de expressão da evidencialidade bastante produtivas em língua portuguesa.

**PALAVRAS-CHAVE:** evidencialidade; verbos de percepção; Gramática Discursivo-Funcional

### INTRODUÇÃO

O fenômeno linguístico da evidencialidade corresponde à expressão da fonte da informação contida em um enunciado. Embora em muitas línguas tal fenômeno seja codificado por meio de itens gramaticais (afixos, clíticos, morfemas), em língua portuguesa, ele é expresso primordialmente por meio de itens lexicais, como locuções prepositivas, advérbios e verbos. Dentre esses itens lexicais, os últimos são a forma mais comum de expressão de evidencialidade.

Segundo Aikhenvald (2004, p.271), em diferentes línguas, os verbos de percepção são a fonte para o desenvolvimento de marcadores evidenciais. No estágio atual da língua portuguesa, no entanto, não se observa o desenvolvimento de marcadores evidenciais a partir da gramaticalização de verbos de percepção. Ainda assim, concordando com pesquisas sobre línguas como o inglês e o alemão (cf. CHAFE, 1986; WHITT, 2009, dentre outros), acredita-se que tais verbos possam ser considerados formas de expressão da evidencialidade. Nesse sentido, o objetivo geral deste trabalho é investigar os tipos de construções em que os verbos *ver*, *ouvir* e *sentir* assumem sentido evidencial e os tipos de evidencialidade que estão relacionados com cada construção.

---

1. Doutora em Estudos Linguísticos e professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos, campus de São Carlos. E-mail: valvendrame@yahoo.com.br

Esses três verbos foram escolhidos porque são os representantes mais prototípicos de cada sentido (*ver* para visão, *ouvir* para audição e *sentir* para tato, olfato e paladar) e porque estão relacionados com uma ampla variedade de sentidos evidenciais.

A teoria que embasa esta pesquisa é a Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF), um modelo de gramática que descreve a evidencialidade em termos de níveis ou camadas de acordo com as características semântico-pragmáticas e morfossintáticas que o item ou a construção evidencial apresenta na língua em estudo.

Uma vez adotada a perspectiva funcionalista, os dados analisados correspondem a usos reais da língua portuguesa. O material de análise provém de textos publicados na Internet e de amostras de língua oral. Após um primeiro levantamento dos dados escritos, observou-se que a grande maioria das ocorrências encontradas eram provenientes de *blogs* e fóruns de discussão. Assim, foram selecionados esses dois tipos de textos para compor o corpus escrito deste trabalho.<sup>2</sup> Durante uma análise preliminar dos dados encontrados na Internet, levantou-se a hipótese de que o contexto de interação face a face, em que há o compartilhamento do mesmo espaço físico entre os interlocutores, pudesse propiciar usos evidenciais dos verbos de percepção diferentes daqueles encontrados no material escrito. Decidiu-se, assim, estender a busca de dados também para textos de língua falada. O banco de dados Iboruna foi escolhido pela variedade de tipos de textos que apresenta. Esse banco de dados é composto por dois tipos de amostras: amostra censo, que reúne 152 entrevistas orais controladas sociolinguisticamente, e amostra de interação dialógica, que comporta 11 gravações coletadas secretamente em situações livres de interação social.<sup>3</sup>

Este artigo está organizado da seguinte forma: na seção 1, são exploradas as particularidades dos usos evidenciais dos verbos de percepção; na seção 2, é feita uma demonstração de como a evidencialidade é tratada dentro do modelo da GDF; na seção 3, é apresentada a análise dos dados; na seção 4, são apresentadas as considerações finais deste trabalho e as referências bibliográficas.

## 1. OS USOS EVIDENCIAIS DOS VERBOS DE PERCEPÇÃO

Um dos estudos tipológicos pioneiros sobre a evidencialidade é o de Willet (1988), que investigou as marcas evidenciais gramaticais em 38 línguas ameríndias. Nessa pesquisa, o autor distingue dois tipos de evidência – a direta e a indireta – levando em conta a natureza primária ou secundária da fonte da informação utilizada pelo falante. Os mecanismos de evidência direta, segundo Willet, são utilizados quando o falante é testemunha direta da informação contida em seu enunciado, ou seja, o falante declara-se fonte da informação e ainda informa que viu, ouviu, ou teve algum contato sensorial com o fato qualificado evidencialmente. A evidência indireta, por outro lado, é utilizada quando o falante afirma saber da situação descrita por meios verbais (evidencialidade reportativa) ou somente por meio de inferência (evidencialidade inferida).

Essa tipologia dos evidenciais mostra que o fenômeno da evidencialidade descreve as maneiras pelas quais as informações são percebidas pelo falante. Particularmente em línguas que não possuem evidenciais gramaticais, ou que possuem poucos, como é o caso do português, os verbos de

---

2. Tendo em vista que os verbos de percepção envolvem necessariamente uma exteriorização de algum tipo de apreensão pelos sentidos por parte do falante, nos blogs eles são usados em narrativas para especificar os mais diversos tipos de percepção, em comentários para expressar pontos de vista, em exposição de fatos, para fundamentá-los etc.; nos fóruns eles normalmente especificam a percepção de alguém sobre algum fato ou produto sobre o qual se pede uma opinião, apresenta-se uma reclamação, faz-se um elogio etc.

3. Para maiores informações sobre o banco de dados Iboruna, consultar [www.iboruna.ibilce.unesp.br](http://www.iboruna.ibilce.unesp.br).

percepção são fortes candidatos a assumirem valor evidencial, uma vez que é por meio da percepção que apreendemos muitas informações sobre o mundo. No entanto, não é todo e qualquer uso dos verbos de percepção que expressa evidencialidade. Existem algumas características que os verbos de percepção precisam apresentar para serem considerados evidenciais. Tais características passam a ser exploradas.

Uma das principais características de um verbo evidencial é a dêixis, considerada por muitos autores como algo inerente à evidencialidade (cf. JAKOBSON, 1957; DE HAAN, 2001; 2005, dentre outros). De acordo com De Haan (2005), a evidencialidade direta é usada quando o falante deseja mostrar que o estado de coisas ocorre dentro de sua esfera dêitica, ao passo que a evidencialidade indireta (reportativa e inferida) é usada para mostrar que o estado de coisas ocorre fora da esfera dêitica do falante.

Assim, levando em conta a noção de dêixis imbricada na noção de evidencialidade, pode-se dizer que, quando um falante utiliza um evidencial, ele adota um ponto de vista particular com relação à fonte da informação que veicula. Como o próprio falante sempre está envolvido, de alguma forma, com a percepção ou recepção das informações, ele é o centro dêitico das informações semânticas contidas nas orações que têm verbos de percepção e que expressam evidencialidade. Conseqüentemente, o falante e seu correlato gramatical de pessoa ocupam posição especial nos paradigmas evidenciais.

Outro aspecto que caracteriza orações com verbos de percepção que permitem uma leitura evidencial está relacionado à estrutura dessas orações. Somente orações em que podem ser identificadas duas cláusulas possibilitam uma leitura evidencial. A comparação entre as orações “Eu vi o cachorro” e “Eu vi o cachorro comendo ração” deixa clara essa diferença. No primeiro caso, há apenas uma cláusula, que representa o fato de o falante ter visto um cachorro, ao passo que, no segundo caso, há duas cláusulas: “o falante viu a ação do cachorro” e “o cachorro estava comendo ração”. A primeira cláusula é o que permite ao falante afirmar a segunda, ou seja, a percepção visual serve como evidência para o falante afirmar o que o cachorro estava fazendo. Só a oração “Eu vi o cachorro comendo ração”, portanto, tem valor evidencial.

Com relação aos tipos oracionais em que os verbos de percepção assumem valor evidencial, em português apenas orações declarativas afirmativas abrigam verbos de percepção evidenciais. Oração declarativas negativas, em que o verbo de percepção está sob o escopo da negação, bloqueiam a leitura evidencial. Tendo em vista que a evidencialidade corresponde à explicitação do modo como o falante obteve a informação que veicula, a negação do verbo de percepção representa a negação da percepção.

Com relação ao tempo e ao modo verbal, os sentidos evidenciais dos verbos de percepção só se manifestam no presente e no passado do modo indicativo. Estudos tipológicos sobre a evidencialidade mostram que é muito raro haver expressão da evidencialidade no futuro (AIKHENVALD, 2004) por razões de ordem lógica: não se pode ter presenciado um evento que ainda não aconteceu.

O estudo tipológico de Dik e Hengeveld (1991) sobre os complementos dos verbos de percepção, apesar de não tratar da evidencialidade, é especialmente relevante para esta pesquisa porque mostra, com base no arcabouço teórico da Gramática Funcional, que “as diferenças entre os complementos dos verbos de percepção podem ser entendidas em termos da estrutura oracional hierárquica usada na Gramática Funcional para representar as orações” (DIK; HENGEVELD, 1991, p.231). Segundo os

autores, existem quatro leituras possíveis para as construções complexas com verbos de percepção: i) percepção imediata de indivíduo, ou seja, a percepção imediata de um indivíduo por outro; ii) percepção imediata de estado-de-coisas, que corresponde à percepção imediata de um estado-de-coisas por um indivíduo; iii) percepção mental de conteúdo proposicional, isto é, a aquisição de conhecimento por meio de um dos sentidos por um indivíduo; e iv) recepção do conteúdo proposicional de um ato de fala, que diz respeito à recepção do conteúdo de um ato de fala por um indivíduo. Dos quatro tipos de construção com verbos de percepção, apenas o primeiro não se presta à expressão da evidencialidade. Os outros três tipos de construções expressam, respectivamente, evidencialidade direta, evidencialidade inferida e evidencialidade reportativa, como será discutido na seção 3.

Do que foi exposto nesta seção, conclui-se que os verbos de percepção em língua portuguesa só assumem valor evidencial quando são usados em contextos em que podem ser identificadas duas cláusulas. A oração que contém o verbo de percepção evidencial deve, necessariamente, ter como sujeito oracional a primeira pessoa do singular, dada a natureza dêitica da evidencialidade, e ser uma oração declarativa afirmativa no presente ou no passado do modo indicativo. Nos casos em que os verbos de percepção tomam uma oração como complemento, os sentidos evidenciais se relacionam com três leituras possíveis dessas construções: percepção imediata de estado-de-coisas, percepção mental de conteúdo proposicional e recepção do conteúdo proposicional de um ato de fala, nos termos de Dik e Hengeveld (1991).

## 2. A GDF E A EXPRESSÃO DA EVIDENCIALIDADE

A GDF (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008) é a sucessora da Gramática Funcional (DIK, 1997a, 1997b) e, embora preserve muitos dos pressupostos teóricos desta teoria, consolida-se como uma teoria autônoma. Na GDF, destaca-se a influência dos aspectos discursivos sobre a forma linguística. Nas palavras de Hengeveld e Mackenzie (2008, p.2), “a GDF procura entender como unidades linguísticas são estruturadas em termos da realidade que elas descrevem e das intenções comunicativas com as quais elas são produzidas e molda isso em uma implementação dinâmica da gramática”.

A GDF é o Componente Gramatical de uma teoria mais ampla de interação verbal. Três outros componentes não-gramaticais interagem com o Componente Gramatical, são eles: Componente Conceitual, Componente Contextual e Componente de Saída.<sup>4</sup>

O Componente Gramatical subdivide-se em quatro níveis: o Interpessoal, o Representacional, o Morfossintático e o Fonológico. O Nível Interpessoal representa uma unidade linguística em termos de sua função comunicativa. Ele capta todas as distinções da Formulação que dizem respeito à interação entre Falante e Ouvinte, como noções retóricas da estruturação do discurso e distinções pragmáticas que revelam como os Falantes constroem suas mensagens tendo em vista as expectativas do Ouvinte. No Nível Representacional, são considerados os aspectos semânticos das unidades linguísticas. O termo “semântico” é usado na GDF de uma forma bastante específica, com dois sentidos diferentes: i) “as maneiras pelas quais a língua se relaciona com o mundo extralinguístico que ela descreve,” e ii) “os significados de unidades lexicais (semântica lexical) e de unidades complexas (semântica composicional) sem levar em conta as maneiras em que essas são usadas na comunicação” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.128-129). O Nível Morfossintático é o responsável por receber informações semânticas e pragmáticas e organizá-las em uma única representação estrutural, que será convertida em um construto fonológico no Nível Fonológico.

---

4. Para um detalhamento sobre a interação entre os quatro componentes, ver Hengeveld e Mackenzie (2008).

No que se refere à evidencialidade, na GDF, três categorias evidenciais são consideradas: a reportatividade, a evidencialidade inferida e a percepção de evento. A seguir, é apresentada a atuação de cada categoria evidencial dentro do modelo da GDF.

No Nível Interpessoal, os marcadores reportativos servem para mostrar que o Falante está retransmitindo um Conteúdo Comunicado expresso por outro Falante dentro de seu próprio Ato Discursivo. O exemplo: “‘Eu não vou embora agora,’ *disse Pedro*”, adaptado de Hengeveld e Mackenzie (2008, p.103), ilustra a ocorrência de um reportativo. Em um contexto em que o Falante narra um diálogo, “*disse Pedro*” é considerado um reportativo, uma vez que indica a fonte, ou o falante real, do Conteúdo Comunicado que está entre aspas simples.

No Nível Representacional, a evidencialidade ocorre nas camadas da Proposição e do Estado-de-Coisas. No primeiro caso, ela especifica a maneira como o Falante teve acesso à informação contida no Conteúdo Proposicional: i) por meio de inferência com base em evidência sensorial; ii) com base em inferência derivada de conhecimento existente; e iii) com base em conhecimento geral acumulado na comunidade (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.155). A seguir, é apresentado um exemplo de evidencialidade na camada da Proposição, da língua pawnee (adaptado de HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p.155):

(01) Tir-ra-ku:tik-Ø                      ku:ruks.  
      INF-ABS-matar-PFV                urso  
      ‘Ele deve ter matado um urso.’

Nesse caso, o operador *tir* indica que o Falante inferiu que alguém matou um urso.

Na camada do Estado-de-Coisas, a evidencialidade corresponde à Percepção de Evento, uma categoria que marca se o Estado-de-Coisas foi testemunhado diretamente pelo Falante por meio de algum sentido. No exemplo a seguir, da língua tariana, observa-se a percepção de um Evento codificada por um operador de percepção de evento:

(02) Waha                      ikasu-nuku                      hĩ-nuku                      alia-naka.  
      nós                      agora-TOP.NON.A/S    DEM.ANIM-TOP.NON.A/S    EX-VIS.PRS  
      ‘Aqui estamos nós agora (conversando).’ (Adaptado de AIKHENVALD, 2003, p.294)

Nesse caso, o morfema *naka* é usado para indicar que o Falante está vendo o Estado-de-Coisas descrito.

Considerando essa tipologia, também é possível classificar os sentidos evidenciais codificados por outras formas que não sejam modificadores e operadores, como é o caso dos verbos de percepção. Ao se relacionarem as características dos verbos de percepção evidenciais, discutidas na seção 1, com a tipologia dos evidenciais proposta pela GDF, é possível observar como as intenções comunicativas determinam as unidades linguísticas e de que forma estas são organizadas de acordo com a realidade que descrevem. Em outras palavras, se o Falante quer transmitir uma informação que foi obtida por meio de um de seus sentidos, ele pode fazer isso de diferentes maneiras, de acordo com a natureza da informação obtida e do modo como ela foi percebida, que está relacionado com o sentido envolvido na percepção. As diferentes intenções comunicativas se relacionam com diferentes tipos

de evidencialidade e as diferenças entre elas se refletem na descrição das unidades linguísticas dentro dos níveis da GDF.

Assim, neste trabalho, adotou-se a tipologia dos evidenciais proposta por Hengeveld e Mackenzie (2008). Optou-se, no entanto, por utilizar o termo “evidencialidade direta” em vez de “percepção de evento”, uma vez que o termo utilizado por Hengeveld e Mackenzie é amplo e pode abranger casos de percepção que não se configuram como casos de evidencialidade.<sup>5</sup>

### 3. AS CONSTRUÇÕES EVIDENCIAIS COM VERBOS DE PERCEPÇÃO SEGUNDO O MODELO DA GDF

Antes da apresentação da análise dos dados, faz-se necessária uma observação em relação ao conjunto de dados aqui analisados. Conforme exposto na introdução deste artigo, uma expectativa deste trabalho era a de encontrar usos evidenciais diferentes a depender do tipo de material de análise, escrito ou oral, uma vez que se supunha que o compartilhamento do mesmo ambiente físico, no caso da interação face a face, ou o distanciamento entre os interlocutores, no caso da interação mediada pela escrita, pudesse influenciar de alguma forma a percepção. Durante a análise dos dados, no entanto, não foram observadas diferenças significativas entre os usos evidenciais dos verbos de percepção em um e outro material. Dessa forma, a análise apresentada nesta seção considera as ocorrências indistintamente, como um conjunto unificado de dados.

Neste estudo são analisados três verbos com significados diferentes e cada um pode exprimir vários tipos de percepção. Por se tratar de uma análise semântica, os dados são descritos apenas no Nível Representacional. De acordo com a GDF, as unidades de análise desse nível são determinadas pelo que elas designam no mundo extralinguístico. Assim, expressões linguísticas usadas para designar realidades diferentes no mundo extralinguístico são representadas por categorias semânticas distintas dentro da gramática. No que diz respeito à descrição da evidencialidade, as distinções entre os tipos evidenciais podem ser observadas considerando-se a semântica do verbo e a categoria semântica com a qual ele se relaciona.

Como foi visto na seção anterior, a expressão da evidencialidade, de acordo com o modelo da GDF, envolve as unidades mais altas do Nível Representacional, Estado-de-Coisas e Conteúdo Proposicional, e uma unidade do Nível Interpessoal, a do Conteúdo Comunicado. O Quadro a seguir mostra com quais unidades cada verbo de percepção considerado neste estudo interage e o tipo de evidencialidade resultante dessa interação:

| Verbo de percepção | Evidencialidade reportativa | Evidencialidade inferida | Evidencialidade direta |
|--------------------|-----------------------------|--------------------------|------------------------|
|                    | Conteúdo Comunicado         | Conteúdo Proposicional   | Estado-de-Coisas       |
| <i>Ver</i>         | +                           | +                        | +                      |
| <i>Ouvir</i>       | +                           | +                        | +                      |
| <i>Sentir</i>      | -                           | +                        | +                      |

Quadro 1: Verbos de percepção por tipo de evidencialidade, camada e nível da GDF

5. A oração “Pedro viu as crianças correndo”, por exemplo, pode ser considerada um caso de percepção de evento, mas não um caso de evidencialidade direta. Nesse caso, há apenas a indicação do que Pedro viu, da percepção do evento por ele. Os casos de evidencialidade expressa por meio dos verbos de percepção devem necessariamente envolver a percepção do falante.

Como se pode observar, na expressão de evidencialidade reportativa, podem ser usados os verbos *ver* e *ouvir*; ao passo que, na expressão de evidencialidade inferida e direta, os três verbos podem ser usados. A seguir, cada tipo de evidencialidade é analisado a partir do ponto de vista semântico e são exemplificadas e discutidas as correlações possíveis apresentadas no Quadro 1.

### 3.1. A evidencialidade reportativa

A evidencialidade reportativa corresponde à retransmissão, por parte do Falante, de um Conteúdo Comunicado produzido em outra ocasião por um outro Falante. Dos três verbos considerados neste estudo, apenas *ver* e *ouvir* codificam esse tipo de evidencialidade, como se pode observar no Quadro 1. O verbo *sentir* não é usado na expressão de evidencialidade reportativa porque, dentre os sentidos relacionados a esse verbo, não está a retransmissão de informação de natureza linguística.

A seguir, são apresentadas duas ocorrências de evidencialidade reportativa, a primeira com o verbo *ver* (03) e a segunda com o verbo *ouvir* (04):

(03) Vi na Folha de S. Paulo **que a campanha de vereador em Sampa vai custar 1 milhão de reais.** (<http://afalesp.com.br/abe/abe11.htm>)

(04) **Ouvi**, no jornal da manhã da Jovem Pan hoje cedo, **que o Serra vai ser o candidato e deve fazer o anúncio hoje à noite.** (<http://forum.cifraclub.terra.com.br/forum/11/127625/>)

A diferença entre a evidencialidade reportativa codificada por um e outro verbo está no modo como a informação retransmitida foi obtida pelo Falante. Em (03), o verbo *ver* indica que a informação sobre o valor da campanha para vereador em São Paulo foi lida no jornal *Folha de São Paulo*. Em (04), o uso do verbo *ouvir* indica que a informação que o Falante retransmite sobre a candidatura do Serra foi ouvida por ele.

Essa diferença entre uma e outra leitura reportativa, gerada pelo significado de cada verbo (*ver* indica percepção visual de conteúdo linguístico em (03) e *ouvir* exprime percepção auditiva de conteúdo linguístico em (04)), não resulta em representações semânticas diferentes, ou seja, a informação que o Falante retransmite é, em ambos os casos, do tipo Conteúdo Comunicado, como se pode observar nas estruturas subjacentes dos trechos em destaque em (03) e (04), apresentadas respectivamente em (05) e (06):

(05) (p<sub>i</sub>: (past ep<sub>i</sub>: (e<sub>i</sub>: [(f<sub>i</sub>: [(f<sub>j</sub>: ver (f<sub>j</sub>)) (x<sub>i</sub>)<sub>A</sub> (C<sub>i</sub>: (p<sub>j</sub> (pres ep<sub>j</sub>: –a campanha de vereador em Sampa vai custar 1 milhão de reais– (ep<sub>j</sub>)) (p<sub>j</sub>)) (C<sub>i</sub>))<sub>U</sub>] (f<sub>i</sub>)) (e<sub>i</sub>)<sub>φ</sub>] (ep<sub>i</sub>)) (p<sub>i</sub>))

(06) (p<sub>i</sub>: (past ep<sub>i</sub>: (e<sub>i</sub>: [(f<sub>i</sub>: [(f<sub>j</sub>: ouvir (f<sub>j</sub>)) (x<sub>i</sub>)<sub>A</sub> (C<sub>i</sub>: (p<sub>j</sub>: (pres ep<sub>j</sub>: –o Serra vai ser o candidato e deve fazer o anúncio hoje à noite– (ep<sub>j</sub>)) (p<sub>j</sub>)) (C<sub>i</sub>))<sub>U</sub>] (f<sub>i</sub>)) (e<sub>i</sub>)<sub>φ</sub>] (ep<sub>i</sub>)) (p<sub>i</sub>))

Como se pode observar, os dois trechos são descritos por uma mesma estrutura constituída por

uma Proposição ( $p_i$ ), que contém um Episódio ( $ep_i$ ), que, por sua vez, contém um Estado-de-Coisas ( $e_i$ ). O Estado-de-Coisas ( $e_i$ ) é caracterizado pela Propriedade Configuracional ( $f_i$ ), composta por outra Propriedade ( $f_j$ ), que especifica a relação entre os outros dois constituintes: o Indivíduo ( $x_i$ ) e o Conteúdo Comunicado ( $C_i$ ). A unidade do Nível Interpessoal Conteúdo Comunicado entra na representação semântica para designar um conteúdo linguístico com o qual se relaciona a unidade semântica Indivíduo. Isso é possível na arquitetura da GDF porque, como os quatro níveis de organização da Gramática alimentam o Componente Contextual, qualquer unidade nele armazenada pode ser acessada pela Formulação e reutilizada em mensagens posteriores. Assim, nos casos de evidencialidade reportativa, o Falante retransmite um Conteúdo Comunicado que foi produzido anteriormente por um outro Falante e que estava armazenado no Componente Contextual.

A evidencialidade reportativa também pode ser expressa por um outro tipo de estrutura, representado pela ocorrência a seguir:

(07) A luz acabou umas 22:13, **pelo que eu ouvi no jornal.**

(<http://blog-lica-lilly.blogspot.com/2009/11/apagao-geral.html>)

( $C_i$ : ( $p_i$ : (past  $ep_i$ : ( $e_i$ : [ $f_i$ : [-a luz acabou umas 22:13-] ( $f_i$ )) ( $e_i$ )] ( $ep_i$ )) ( $p_i$ )) ( $C_i$ ): ( $p_j$ : (past  $ep_j$ : ( $e_j$ : [ $f_j$ : [ $f_k$ : ouvir ( $f_k$ )) ( $x_i$ )<sub>A</sub> ( $l_i$ )] ( $f_j$ )) ( $e_j$ )) ( $ep_j$ )) ( $p_j$ )): ( $p_j$ )<sub>φ</sub> ( $C_i$ : ( $p_i$ ))

Nesse caso, a informação sobre o horário em que a luz acabou é originária de um outro Falante, e não do Falante atual, que informa ter ouvido tal informação no jornal. Nesse caso, como pode ser observado na representação semântica, em primeiro lugar, é representada a Proposição ( $p_i$ ), que contém a informação linguística que o Falante retransmite. A segunda Proposição, ( $p_j$ ), que contém o verbo *ouvir*, atua como modificador do Conteúdo Comunicado retransmitido, especificando a maneira como o Falante, representado por ( $x_i$ ), chegou ao conhecimento que retransmite, contido em ( $p_i$ ).

Um último tipo de organização semântica de evidencialidade reportativa é observado na ocorrência apresentada a seguir:

(08) A casa do Benfica em Moura também foi vandalizada esta madrugada. **Ouvi isso na TV.**

(<http://www.serbenfiquista.com/forum/index.php?topic=39648.900>)

( $C_i$ : ( $p_i$ : (past  $ep_i$ : ( $e_i$ : [ $f_i$ : -a casa do Benfica em Moura também foi vandalizada esta madrugada- ( $f_i$ )) ( $e_i$ )] ( $ep_i$ )) ( $p_i$ )) ( $C_i$ )) ( $p_j$ : (past  $ep_j$ : ( $e_j$ : [ $f_j$ : [ $f_k$ : ouvir ( $f_k$ )) ( $x_i$ )<sub>A</sub> ( $C_i$ : ( $p_i$ ) ( $C_i$ )) ( $l_i$ )) ( $C_i$ )<sub>U</sub>] ( $f_j$ )) ( $e_j$ )<sub>φ</sub>] ( $ep_j$ )) ( $p_j$ ))

Diferentemente de (03) a (07), a ocorrência (08) é representada, no Nível Representacional, como duas Proposições independentes. A primeira proposição ( $p_i$ ) contém o conteúdo linguístico que o Falante retransmite, enquanto a segunda ( $p_j$ ) contém a descrição do modo como o Falante apreendeu tal conteúdo linguístico. Assim, a segunda proposição contém o Estado-de-Coisas ( $e_j$ ) em que o verbo *ouvir*, usado nesse caso para descrever a recepção auditiva do conteúdo linguístico por parte do Indivíduo ( $x_i$ ), toma como segundo argumento um Conteúdo Comunicado ( $C_i$ ), preenchido pelo pronome anafórico *isso*. Tal anáfora é representada por meio de repetição do mesmo índice ( $p_i$ ) no interior da unidade ( $C_i$ ), uma vez que o pronome *isso* se refere à proposição ( $p_i$ ).

### 3.2. A evidencialidade inferida

A evidencialidade inferida é utilizada quando o Falante deseja expressar um Conteúdo Proposicional que é resultado de uma conjectura baseada em evidências internas ao falante. Como se observa no Quadro 1, os três verbos analisados neste estudo se prestam à expressão desse tipo de evidencialidade.

Nas ocorrências a seguir são apresentados casos de evidencialidade inferida codificados pelos verbos *ver*, *sentir* e *ouvir*:

(09) Mah, tente não ser tão grossa. Eu li [o texto] inteiro e **pelo que eu vi você está tentando se afastar dele**. (<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20100307110552AAKziug>)

(10) é uma necessidade que a criANça tem... éh::... dela de tê(r) a figura do homem e da mulher pra educá(r) junto...junto educá(r) a criança... éh aí a gente vê né? filho... a aí começa mexê(r) com dro::ga... éh o problema do alcoolis::mo... né?... a gente vê a FEBEM tão lotada de adolesCENTes... que há e a gente ahm:: **eu sinto... que é essa falta da família**... essa falta do SEio familiar dessa conviVÊN::cia com o pai e com a mãe... ou até mesmo dois irmãos... (AC-102, L. 370-378)

(11) Eu fiz essa mesa para vocês. Você pode comer a vontade. **Pelo barulho que ouvi, esse reencontro de vocês foi ótimo**. Então vocês têm que repor as energias. (<http://macaesther-portugues.mforos.com/1726172/8776460-encontrei-meu-amor-na-adolescencia/?pag=13>)

O trecho apresentado em (09) é uma das respostas dadas a uma pessoa que faz um relato sobre o seu relacionamento conturbado com um rapaz e pede a opinião de outras pessoas sobre a situação relatada. A estrutura evidencial *pelo que eu vi* indica, nesse caso, que a informação *você está tentando se afastar dele* é uma conclusão a que o Falante chegou após ler todo o texto sobre o relacionamento complicado. Em (10), o verbo *sentir* introduz uma inferência do Falante sobre uma possível causa para os problemas psicológicos de muitos adolescentes e para o envolvimento deles com drogas. Segundo o Falante, esses problemas devem-se à *falta da família*. Em (11), o Falante, comparando o que ouviu com situações semelhantes disponíveis no seu conhecimento de mundo, infere a informação *esse reencontro de vocês foi ótimo*, contida no Conteúdo Proposicional.

Com relação à representação semântica dos casos de evidencialidade inferida expressos por verbos de percepção, de um modo geral, existem três formas de organização possíveis. Cada uma dessas formas é apresentada a seguir.

Em (12), apresenta-se um caso de evidencialidade inferida em que a Proposição que contém a inferência ocorre encaixada no verbo de percepção:

(12) **Eu vejo que grande parte das mulheres adoram os perfumes marcantes.**

(<http://www.i9artigos.com.br/mulheres-usem-tambem-perfumes-refrescantes/>)

(p<sub>i</sub>: (pres ep<sub>i</sub>: (e<sub>i</sub>: [(f<sub>i</sub>: [(f<sub>j</sub>: ver (f<sub>j</sub>)) (x<sub>i</sub>)<sub>A</sub> (p<sub>j</sub>: (pres ep<sub>j</sub>: [–grande parte das mulheres adoram os perfumes marcantes–] (ep<sub>j</sub>))]) (f<sub>i</sub>)) (e<sub>i</sub>)<sub>φ</sub>]) (ep<sub>i</sub>)) (p<sub>i</sub>))

A ocorrência (12) é representada, no Nível Representacional, como uma Proposição ( $p_i$ ), que contém um Episódio ( $ep_i$ ), que, por sua vez, contém um Estado-de-Coisas ( $e_i$ ). Esse Estado-de-Coisas se caracteriza por uma Propriedade Configuracional ( $f_i$ ), que contém a Propriedade ( $f_j$ ), que especifica o tipo de relação que se estabelece entre o Indivíduo ( $x_i$ ), que designa o Falante, e ( $p_j$ ). Tendo em vista que, nesse caso, ( $x_i$ ) se relaciona com um construto mental, uma unidade do tipo ( $p$ ), o verbo *ver* especifica uma operação mental, e não uma percepção física. Essa mesma representação semântica se aplica para o caso de inferência apresentado em (10).

A ocorrência (09) é reapresentada para ilustrar um caso em que o verbo *ver* ocorre como núcleo do modificador da Proposição que contém a informação inferida:

(09) Mah, tente não ser tão grossa.

Eu li inteiro e **pelo que eu vi você está tentando se afastar dele**.

Ele está sendo educado e respeitando seu espaço eu acho que ele deve gostar muito de você para fazer isso.

(<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20100307110552AAKziug>)

( $p_i$ : (pres  $ep_i$ : ( $e_i$ : [-você está tentando se afastar dele-] ( $e_i$ ) <sub>$\phi$</sub> ) ( $ep_i$ )) ( $p_i$ )): ( $p_j$ : (past  $ep_j$ : ( $e_j$ : [( $f_i$ : ( $f_j$ : **ver** ( $f_j$ )) ( $x_i$ )<sub>A</sub>] ( $f_i$ )) ( $e_j$ )) ( $ep_j$ )) ( $p_j$ ))

Como pode ser observado em (09), em primeiro lugar, é representado o Conteúdo Proposicional ( $p_i$ ), que contém a inferência do Falante. O verbo *ver*, que descreve percepção mental nesse caso, juntamente com o Indivíduo ( $x_i$ ), que corresponde ao Falante, constituem a Propriedade Configuracional ( $f_i$ ), que caracteriza o Estado-de-Coisas ( $e_j$ ), que, por sua vez, atua como um modificador do Conteúdo Proposicional ( $p_i$ ), especificando a maneira como o Falante chegou ao conhecimento presente nesse Conteúdo Proposicional. A representação semântica de (09) também se aplica a (11), em que o verbo *ouvir* ocorre como núcleo do modificador de Proposição.

Na ocorrência a seguir, a informação inferida e o verbo de percepção ocorrem em duas Proposições diferentes e independentes:

(13) — Filha, posso te fazer uma pergunta? — Minha mãe perguntou.

— Pode, claro — Respondi sem imaginar qual seria a pergunta.

— Você já menstruou depois daquela noite com o Edward? — Ela perguntou com medo da resposta. **Eu senti isso na voz dela**.

([http://webcache.googleusercontent.com/Revivendo\\_Um\\_Sonho](http://webcache.googleusercontent.com/Revivendo_Um_Sonho))

( $p_i$ : (past  $ep_i$ : [-com medo da resposta-] ( $ep_i$ )) ( $p_i$ )) ( $p_j$ : (past  $ep_j$ : ( $e_j$ : [( $f_j$ : [( $f_k$ : sentir ( $f_k$ )) ( $x_i$ )<sub>A</sub>] ( $p_i$ )) ( $f_i$ : [( $f_i$ : [( $f_m$ : voz<sub>N</sub> ( $f_m$ )) ( $x_j$ )<sub>Ref</sub>] ( $f_i$ )) ( $l_i$ ))] ( $f_j$ )) ( $e_j$ )) ( $ep_j$ )) ( $p_j$ ))

No trecho em destaque, há dois Conteúdos Proposicionais, ( $p_i$ ) e ( $p_j$ ). O primeiro contém uma inferência do Falante e o segundo contém a explicitação, por parte do Falante, de que tal inferência foi feita com base na percepção do tipo de voz usado por quem fez a pergunta. Em ( $p_j$ ), a Propriedade ( $f_k$ ) explicita que o Indivíduo ( $x_i$ ), o Falante, inferiu o Conteúdo Proposicional ( $p_i$ ), que é uma referência anafórica ao Conteúdo Proposicional anterior, por isso recebe o mesmo índice. O que o Falante tomou como base para fazer sua inferência está, nesse caso, explicitado pela categoria semântica lugar ( $l_i$ ),

usada em sentido abstrato. Tal categoria é caracterizada por uma Propriedade Configuracional ( $f_1$ ), que contém a Propriedade Lexical ( $f_m$ ), a voz, e o Indivíduo ( $x_j$ ) como seu argumento. A função semântica Referência (Ref) indica posse inalienável entre a “voz” e “ela”.

### 3.3. A evidencialidade direta

A evidencialidade direta é utilizada pelo Falante quando ele deseja informar ao Ouvinte que testemunhou um Estado-de-Coisas acontecer. Como mostra o Quadro 1, esse tipo de evidencialidade pode ser codificado pelos três verbos analisados neste estudo. O uso desses verbos na expressão de evidencialidade direta depende da maneira como o Estado-de-Coisas foi percebido pelo Falante, como pode ser observado a seguir.

O verbo *ver* indica que o Estado-de-Coisas foi percebido pelo Falante por meio da visão (14), o verbo *ouvir* introduz um Estado-de-Coisas percebido pela audição (15) e o verbo *sentir* apresenta Estados-de-Coisas percebidos pelo tato (16), olfato (17) e paladar (18):

(14) Inf.: é... no dia do desfile... ela desfilô::(u) **vi ela desfilá::(r)**... tava lin::da... (AC-021, L.62-66)

(15) Sete e meia da manhã. Cruzo a cidade adormecida e escura. Já no centro, perto do trabalho, **ouço passarinhos cantando**. Passarinhos cantando. Em pleno janeiro. (<http://fabriani.com/?m=200801>)

(16) Quanto as tremidinhas também já senti várias vezes. Mas, gente, fiquei tão feliz agora. **Senti ela mexer de verdade!** Agorinha (<http://www.e-familynet.com/vcs-ja-sentem-o-bebe-mexer.html>)

(17) Entrei no carro e fechei a porta. E aquela sensação estranha, de estar sendo observada voltou e **eu senti o cheiro entrar pelas janelas abertas**. (<http://ashleygreece-livro.blogspot.com/2009/06/8-capitulo.html>)

(18) — Sasuke... — ouvi meu nome, de novo — Este é o sabor do sangue Uchiha. Me falou, rapidamente eu senti sua mão viscosa e escorregadia, em meu pescoço. Com plena certeza de que me mataria, fechei os olhos. Um beijo voraz e cruel foi o que me deu. **Senti o gosto de sangue misturar-se com minha saliva e descendo como ácido por minha garganta**. (<http://www.fanfiction.net/s/4139087/1/Palavras>)

Todas essas ocorrências de evidencialidade direta têm em comum o fato de os verbos de percepção expressarem que o Falante testemunhou, de maneira direta por meio de algum sentido, um Estado-de-Coisas acontecer. Em (14), o verbo *ver* indica que o Estado-de-Coisas de alguém desfilando foi percebido pelo falante por meio da visão. Em (15), o verbo *ouvir* introduz um Estado-de-Coisas perceptível por meio da audição. Em (16), o verbo *sentir* introduz o Estado-de-Coisas percebido por meio do tato. Em (17), esse verbo indica que o Falante percebeu, por meio do olfato, o cheiro entrar pelas janelas; e, em (18), o verbo *sentir* é usado para indicar uma informação que foi apreendida pelo Falante por meio do seu paladar.

Em todos os casos de evidencialidade direta apresentados acima, a mesma representação semântica se aplica. A ocorrência apresentada em (14) é tomada como modelo para ilustrar a estrutura subjacente que também se aplica aos demais casos, apresentados de (15) a (18):

(19) (p<sub>i</sub>: (past ep<sub>i</sub>: (e<sub>i</sub>: [(f<sub>i</sub>: [(f<sub>j</sub>: ver (f<sub>j</sub>)) (x<sub>i</sub>)<sub>A</sub> (sim e<sub>j</sub>: (f<sub>k</sub>: [-ela desfilar-] (f<sub>k</sub>)) (e<sub>j</sub>)) (f<sub>i</sub>))] (e<sub>i</sub>))] (ep<sub>i</sub>)) (p<sub>i</sub>))

Conforme se pode observar na representação semântica, o Estado-de-Coisas (e<sub>i</sub>) é caracterizado pela Propriedade Configuracional (f<sub>i</sub>), que contém a Propriedade (f<sub>j</sub>) que especifica a relação, ou seja, a percepção direta, entre o Indivíduo (x<sub>i</sub>), o Falante, e o Estado-de-Coisas (e<sub>j</sub>).

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da hipótese de que os verbos de percepção podem ser considerados formas de expressão da evidencialidade em língua portuguesa, este trabalho investigou os tipos evidenciais que são codificados pelos verbos ver, ouvir e sentir. Para fundamentar esta investigação, seguiu-se a classificação dos evidenciais proposta pela GDF e levaram-se em conta os pressupostos teórico-metodológicos mais gerais desse modelo de descrição linguística.

Tendo em vista que o fenômeno aqui estudado está relacionado, em primeiro lugar, com os significados dos verbos, as diferenças entre os tipos evidenciais codificados pelos três verbos analisados puderam ser claramente observadas a partir da descrição dos dados no Nível Representacional da GDF. Nesse Nível, a identificação do tipo evidencial expresso por cada verbo foi feita levando-se em conta tanto a natureza semântica do verbo de percepção quanto a natureza semântica da oração que contém a informação que o Falante deseja veicular.

A descrição semântica dos casos de evidencialidade expressos pelos verbos de percepção pode ser resumida da seguinte forma: i) evidencialidade reportativa: codificada pelos verbos ver e ouvir quando eles apresentam uma informação linguística retransmitida pelo Falante (a informação que o Falante retransmite corresponde a um Conteúdo Comunicado); ii) evidencialidade inferida: codificada pelos verbos ver, ouvir e sentir quando eles apresentam um cálculo mental do Falante (a informação inferida corresponde a um Conteúdo Proposicional); iii) evidencialidade direta: codificada pelos verbos ver, ouvir e sentir quando eles expressam que o Falante presenciou um Estado-de-Coisas acontecer (a unidade com a qual o verbo se relaciona, nesse caso, é o Estado-de-Coisas).

A partir da compreensão dos aspectos semânticos envolvidos no conjunto de dados analisados, conclui-se que os diferentes tipos evidenciais expressos por cada verbo demonstram a variedade de recursos linguísticos de que os falantes do português dispõem quando decidem disponibilizar a seus ouvintes o modo como obtiveram as informações que transmitem.

## PERCEPTION VERBS IN CONSTRUCTIONS EVIDENTIALS ACCORDING TO DISCOURSE-FUNCTIONAL GRAMMAR

### ABSTRACT

This research aims at describing evidentiality expressed by perception verbs in Portuguese by investigating, through the Functional Discourse Grammar paradigm, the verbs *ver* (to see), *ouvir* (to hear) and *sentir* (to feel) in order to find out the evidential meanings related to them and the semantic contexts in which they occur. The data analyzed here comprise samples of spoken and written Portuguese. Considering all the semantic aspects involved in the data analyzed, the conclusion is that the three verbs are very productive means of expressing evidentiality in Portuguese.

**KEY WORDS:** evidentiality; perception verbs; Functional Discourse Grammar

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aikenvald, A. Y. (2004). *Evidentiality*. Oxford University Press.

Chafe, W. (1986). Evidentiality in English conversation and academic writing. In: Chafe, W.; Nichols, J. (Ed.). *Evidentiality: The linguistic coding of epistemology*. Norwood, New Jersey: Ablex Publishing Corporation, p.261-72.

De Haan, F. (2001). The relation between modality and evidentiality. *Linguistische Berichte*, Sonderheft 9, p.201-216.

Dik, S.; Hengeveld, K. (1991). The hierarquical structure of the clause and the typology of perception-verbs complements. *Linguistics*, v.29, p.231-259.

\_\_\_\_\_. (2005). Encoding speaker perspective: evidentials. In: Frajzyngier, Z.; Hodges, A.; Rood, D. (Ed.). *Linguistic diversity and language theories*. Amsterdam: Benjamins. p.379-397.

Dik, S. (1997a). *The Theory of Functional Grammar*. Part I: The structure of the clause. 2.ed. Dordrecht: Foris.

\_\_\_\_\_. (1997b). *The Theory of Functional Grammar*. Part II: Complex and derived constructions. 2.ed. New York: Mouton de Gruyter.

Hengeveld, K.; Mackenzie, L. (2008). *Functional Discourse Grammar*. A typologically-based theory of language structure. Oxford: Oxford University Press.

Jakobson, R. (1957). *Shifters, verbal categories, and the Russian verb*. Selected writings. The Hague: Mouton.

Willet, T. (1988). A cross-linguistic survey of the grammaticalization of evidentiality. *Studies in Language*, v.12, 1, p.51-97.

Whitt, R. J. (2009). Auditory evidentiality in English and German: the case of perception verbs. *Lingua*, v.119, n.7, p.1083-1095.